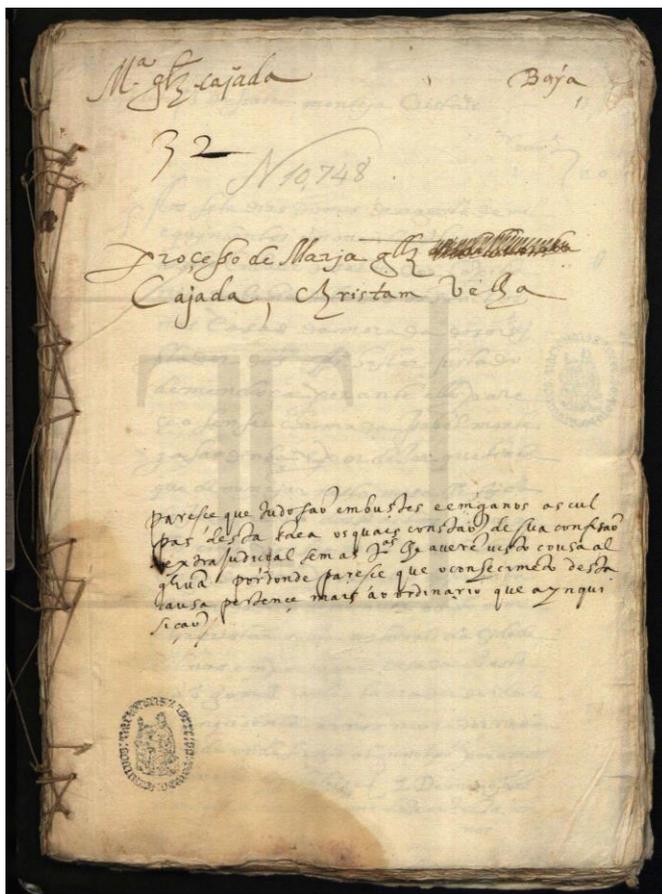


Tema I – Conceito, objeto e função da filologia Preparação da Atividade de Avaliação (i)

Bibliografia citada:

-  CAMBRAIA, C.N. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
-  PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de História, v. 9, n. 18, p. 9-18; 1989.
-  SPINA, S. Introdução à edótica: crítica textual. SP: Cultrix/Edusp, 1977.



“No teatro da memória,
as mulheres são sombras tênues”.

Michelle Perrot,
Práticas da memória feminina, 1989.

Processo de Maria Gonçalves Cajada, fl.
1r. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição
de Lisboa, 1591-1593. Arquivo Nacional
da Torre do Tombo,
<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2310925>

1. Ideia geral

O trabalho proposto como atividade para avaliação desta disciplina consiste na edição conservadora de parte do documento “*Processo de Maria Gonçalves Cajada*”, escrito entre 1591 e 1593 no âmbito da visitação do Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, a Salvador.

A apresentação final da edição (a ser entregue em dezembro) deverá incluir, além da transcrição propriamente dita, uma contextualização e apreciação da importância histórica do documento. A apresentação inicial do trabalho (a ser entregue em outubro) deverá incluir uma primeira versão da transcrição semidiplomática e um levantamento bibliográfico sobre o documento.

A intenção geral da proposta é proporcionar um exercício que englobe tanto a ‘**função substantiva**’ do trabalho filológico como sua ‘**função transcendente**’, nos termos de Spina (1977).

Para este autor (Spina, 1977:75-77),

“Visto que a Filologia não subsiste se não subsiste o texto (pois é o texto a sua razão de ser), partamos dele para, de uma forma abrangente, configurar o seu campo. A Filologia **concentra-se no texto**, para **explicá-lo, restituí-lo** à sua genuinidade e **prepará-lo** para ser publicado.

A **explicação do texto**, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia, etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto. Esse conjunto de conhecimentos complicados, dando a impressão de verdadeira cultura enciclopédica de quem os pratica, constitui o caráter erudito da filologia. Aliás, como já vimos, nasceu assim a filologia alexandrina.

A **restauração** do texto, numa tentativa de restituir-lhe a genuinidade, envolve um conjunto de operações muito complexas mas hoje estabelecidas com relativa precisão: é a crítica textual ou Edótica, que também foi conhecida e praticada pelos filólogos alexandrinos; a **preparação do texto**, para editá-lo na sua forma canônica, definitiva, também apela para um conjunto de normas técnicas, hoje também sistematizadas e mais ou menos universalmente respeitadas.

A explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos princípios da crítica textual, e a sua organização material e formal com vistas à publicação, constituem aquilo que podemos chamar de **função substantiva** da Filologia.

Há uma ordem de problemas, com os quais a Filologia também se preocupa; são problemas que não estão no texto, mas se deduzem dele; a sua autoria, a sua datação e a sua importância (valorização) perante os textos da mesma natureza. Esta seria a **função adjetiva** da Filologia.

Finalmente: o filólogo agora não se concentra no texto, nem deduz aquilo que não está no texto, mas procura transpô-lo, fazendo dele aquilo que considera Antônio Tovar: *‘o mais fino instrumento histórico para penetrar na alma, no estilo dos séculos antigos’*. É a **função transcendente** da Filologia. (...)

“Resumindo: três são as funções da atividade filológica:

- 1^a) **Função substantiva**, em que ela se concentra no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepara-lo tecnicamente para publicação;
- 2^a) **Função adjetiva**, em que ela deduz, do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização);
- 3^a) **Função transcendente**, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou.

É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas da investigação literária; e na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura”.

2. Alguns detalhes sobre a versão inicial do trabalho

A idéia por trás da versão inicial da transcrição é proporcionar a experiência das principais etapas do trabalho filológico em sua *‘função substantiva’* (nos termos de Spina, 1977): a **decifração** e a **explicação** do texto. Esta primeira versão da transcrição poderá (e deverá) ainda ser revisada e reformulada, a partir de um primeiro retorno da avaliação, até chegar a uma forma bem-acabada para a apresentação final do trabalho.

Para preparar a transcrição, os alunos podem contar com a bibliografia de apoio detalhada na ficha de avaliação, que inclui manuais de edição filológica que detalham os diferentes tipos de edição. Observe-se, nessa bibliografia, que os diferentes tipos de edição filológica se distinguem pelo grau de interferência do editor no modelo (proporcionando, assim, diferentes planos de *explicação* do texto). Para Cambraia (2005:91):

“As edições monotestemunhais podem ser divididas essencialmente em quatro tipos, diferenciados com base no **grau de mediação** realizada pelo crítico textual na fixação da forma do texto: são elas fac-similar, diplomática, paleográfica e interpretativa”.

Neste trabalho, espera-se uma transcrição conservadora, ou seja, com baixo a médio grau de interferência no texto, de tipo **semidiplomática**, mais raramente chamada de **paleográfica** - por exemplo, por Cambraia 2005:96):

Um passo adiante em termos de mediação verifica-se na edição paleográfica (também chamada eventualmente de **semidiplomática**, paradiplomática ou diplomático-interpretativa). Pode-se dizer que há, neste tipo, um grau médio de mediação, pois, no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para o tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como os sinais abreviativos. Enquanto na edição diplomática a mediação do editor se restringe à reprodução dos elementos do modelo, já na paleográfica o editor atua de forma mais interventiva, através de operações como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, dentre outras (embora qualquer uma dessas operações fique explicitamente assinalada na reprodução): os principais objetivos de todas essas operações são:

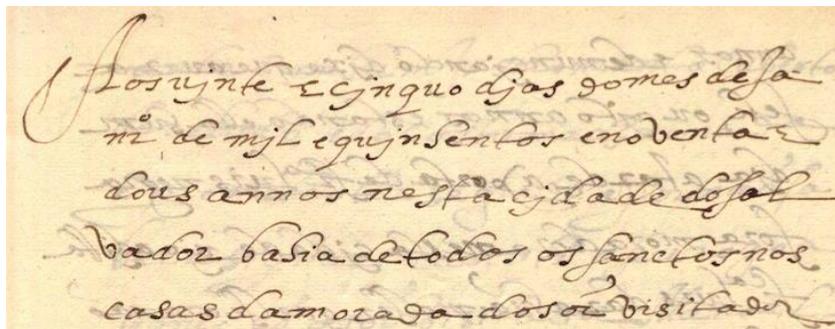
- (1) o de facilitar ainda mais a leitura do texto e torná-lo acessível a um público menos especializado e, portanto, mais amplo que o da diplomática; e
- (2) o de tentar retificar falhas óbvias no processo de cópia do texto, tais como supressão ou repetição de letras, etc.

A seguir, mostramos um exemplo inicial de formas de transcrição filológica em um mesmo trecho de um manuscrito contemporâneo àquele escolhido para o trabalho. Para o trabalho, consulte, além disso, os “procedimentos básicos” listados em Cambraia (2005: 111) e as normas de edição por ele propostas, em particular as normas para a edição semidiplomática (para ele, paleográfica; cf. Cambraia 2005:129).

Por fim, o **levantamento bibliográfico** a ser apresentado nesta primeira versão do trabalho será a primeira etapa do importante trabalho de contextualização e apreciação histórica e linguística do documento a ser completado na versão final. Este trabalho de pesquisa é ponto de partida para qualquer trabalho de edição, como salienta também Cambraia (2005:90), ao falar, inclusive, da escolha pelos tipos de edição apropriados para cada documento a depender de seu **campo bibliográfico**. Para o preparo desta atividade, sugere-se por exemplo a consulta à bibliografia fundamental do projeto *MAP (Mulheres na América Portuguesa)*, em http://www.nehlp.org/~nehlp/HD/MAP/MAP_Bibliografia.html.

3. Exemplo: formas de edição

Documento: Denúncia contra Francisca Luís, fl.1. Processo do Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, 1580-1593. Transcrição das linhas 1 a 5 do fl.1.



Transcrição diplomática

Aos ujnte ε cijnquo djas ðomes deJa
nrº de mj l e quijnientos enoventa ε
dous annos nefta cjdade doSal
uador bahia de todos os Sanctos nos¹
5 casas damorada dosõr visitador

¹ 'nos', linha 4: 'o', caracter de leitura duvidosa

Transcrição semidiplomática (i)
- justalinear;
- preservando alógrafos

Aos ujnte ε cinco djas do mes de Ja /
n[ez]r[o] de mj l e quijnientos e noventa ε /
dous annos nefta cjdade doSal /
vador bahia de todos os sanctos n[o]¹s /
5 casas da morada dos[enb]or visitador /

¹ Caracter de leitura duvidosa

Transcrição semidiplomática (ii)
- não justalinear;
- normalizando alógrafos

Aos vinte e cinco dias do mes de Ja / n[ez]r[o] de mil e
quinhentos e noventa e / dous annos nesta cidade do Sal / vador
bahia de todos os Sanctos n[o]¹s /⁵ casas da morada do s[enb]or
visitador /

¹ Caracter de leitura duvidosa

Edição interpretativa

Aos vinte e cinco dias do mes de Janeiro de mil e quinhentos e
noventa e dous annos nesta cidade do Salvador Bahia de Todos
os Sanctos nas casas da morada do senhor visitador

Edição interpretativa modernizada

Aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro de mil e quinhentos e
noventa e dois annos, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos
os Santos, nas casas da morada do senhor visitador